

A SEMANA – 117

John Gledson

No fundo, isto é uma crônica sobre o Rio de Janeiro, no passado (a velha crença num santo local, de candomblé), no presente (o Encilhamento e seus restos), e o futuro (a Avenida Central, os aterros na Glória). Trata também do progresso de São Paulo, que ameaça a hegemonia carioca.



A SEMANA

26 de agosto de 1894

[Edição, apresentação e notas por John Gledson]

Que vale a ruína de uma cidade ao pé da ruína de um coração? Crenças santas, crenças abençoadas, que são quarteirões de casas, ruas inteiras, palácios, monumentos que o tempo desfaz, comparados com uma só de vós que se perde? Eu cria em S. Bartolomeu.¹ Esperava o dia 24 de agosto, como quem espera o dia do noivado, tão somente por causa daqueles grandes ventos que o santo mandava a este mundo. Quando era criança, diziam-me que era o diabo que andava solto, e acreditei que sim; mas, com os anos, percebi que o diabo é menos violento que insidioso; quando se faz vento, é antes brisa que tufão. A brisa é mansa e velhaca, é a própria serpente tentadora do mal que se mete entre Adão e Eva para seduzi-los e perdê-los:

Lembras-te ainda dessa noite, Elisa?
Que doce brisa respirava ali!²

Outro é o processo de Deus. O vento do céu é furacão, destrói, arrasa, castiga. Foi o que achei em relação ao dia de S. Bartolomeu, logo que tive o uso da razão. Compreendi que era o santo que soprava todas as cóleras celestes.

Este ano esperei, como nos outros, o dia 24 de agosto. Assim, quando na véspera, à tarde, comecei a ver poeira e a ouvir uma coisa parecida com vento forte, senti um alegrão. Notai que eu execro o vento, maiormente o tufão. De todos os meteoros é o que me bole com os nervos e me tira o sono. Trovoadas são comigo; aguaceiros, principalmente se estou em casa, são agradáveis de escutar. Vento, nem sopra. Pois este ano esperava o dia de S. Bartolomeu com extraordinária ansiedade, –

¹ Refere-se a São Bartolomeu, Senhor dos Ventos, uma figura das religiões afro-brasileiras. Aparece no *Livro de São Cipriano*, onde há uma oração para ele: “São Bartolomeu, vós que sois o Senhor do Vento, vós que fazeis a varredela sobre esta terra fria, vós que fazeis dobrar as árvores e as palmeiras...”

² São versos do poeta português Raimundo Antônio de Bulhão Pato (1828-1912), da primeira estrofe do poema “Era no outono”.

talvez para ver se o vento levava aquele resto de ponte que fica em frente à praia da Glória.³

Creio que essa obra prendia-se ao plano de aterrar⁴ uma parte do mar; não se tendo realizado o plano, a ponte ficou, do mesmo modo que ficaram na rua dos Ourives os trilhos de uma linha de bondes que se não fez. Nisto o mar parece-se com a terra. Nem há razão clara para ação diferente. O tempo trouxe algumas injúrias à obra, mas a ponte subsiste com os seus danos, à espera que os anos, mais vagarosos para as obras dos homens que para os mesmos homens, consuma esse produto da engenharia hidráulica.

Entre parêntesis, não se pense que sou oposto a qualquer ideia de aterrar parte da nossa baía. Sou de opinião que temos baía demais. O nosso comércio marítimo é vasto e numeroso, mas este porto comporta mil vezes mais navios dos que entram aqui, carregam e descarregam, e para que há de ficar inútil uma parte do mar? Calculemos que se aterrava metade dele; era o mesmo que alargar a cidade. Ruas novas, casas e casas, tudo isso rendia mais que a simples vista da água movediça e sem préstimo. As ruas podiam ser de dois modos, ou estreitas, para se alargarem daqui a anos, mediante uma boa lei de desapropriação, ou já largas, para evitar fadigas ulteriores. Eu adotaria o segundo alvitre, mas por uma razão oposta, para estreitar as ruas, mais tarde, quando a população crescesse. É bom ir pensando no futuro. Telegramas de S. Paulo dizem que foram edificadas naquela cidade, nos últimos seis meses, mais de quatrocentas casas; naturalmente, havia espaço para elas.⁵ Não o havendo aqui, força é prevê-lo.

Não sei por que razão, uma vez começado o aterro do porto, em frente à Glória, não iríamos ao resto e não o aterraríamos inteiramente. Nada de abanar a cabeça; leiam primeiro. Não está provado que os portos sejam indispensáveis às cidades. Ao contrário, há e teria havido grandes, fortes e prósperas cidades sem portos. O porto é um acidente e às vezes um mau acidente. Por outro lado, as populações crescem, a nossa vai crescendo, e ou havemos de aumentar as casas para cima, ou alargá-las. Já não há espaço cá dentro. Os subúrbios não estão inteiramente povoados, mas são subúrbios. A cidade, propriamente dita, é cá embaixo.

Se tendes imaginação, fechai os olhos e contemplai toda essa imensa baía aterrada e edificada. A questão do corte do Passeio Público ficava resolvida; cerceava-

³ Esta “ponte”, assim como as montanhas-russas (restos de um parque de diversões planejado), já foram mencionadas mais de uma vez n’“A Semana” (por exemplo nas crônicas de 11 de dezembro de 1892, 22 de janeiro de 1893 e 20 de agosto de 1893): eram restos do Encilhamento.

⁴ Na *Gazeta* está “alterar”, erro muito provável, que Aurélio corrige silenciosamente.

⁵ Não encontrei este telegrama, mas informações deste tipo apareciam com relativa frequência. N’*O Paiz* de 23 de agosto, por exemplo: “São Paulo: Durante os sete meses passados de 1894, foram construídos nesta cidade 504 prédios.”

se-lhe⁶ o preciso para alargar a rua, ou eliminava-se todo, e ainda ficava espaço para um passeio público enorme. Que metrópole! que monumentos! que avenidas! Grandes obras, uma estrada de ferro aérea entre a Laje e Mauá,⁷ outra que fosse da atual praça do Mercado⁸ a Niterói, iluminação elétrica, aquedutos romanos, um teatro lírico onde está a ilha Fiscal, outro nas imediações da igreja de S. Cristóvão, dez ou quinze circos para aperfeiçoamento da raça cavalariça, estátuas, chafarizes, piscinas naturais, algumas ruas de água para gôndolas venezianas, um sonho.

Tudo isso custaria dinheiro, é verdade, muito dinheiro. Quanto? Quinhentos, oitocentos mil contos, o duplo, o triplo, fosse o que fosse, uma boa companhia poderia empreender esse cometimento. Uma entrada bastava, dez por cento do capital, era o preciso para os primeiros trabalhos do aterro; depois levantava-se um empréstimo. Convém notar que a renda da companhia principiaria desde as primeiras semanas.⁹ Como os pedidos de chãos para casas futuras deviam ser numerosíssimos, a companhia podia vendê-los antes do aterro, sob a denominação de *chãos ulteriores*, com certo abatimento. Assim também venderia o privilégio da iluminação, dos esgotos, da viação pública. Podia também vender os peixes que existissem antes de começar a aterrar o mar. Eram tudo fontes de riqueza e auxílios para a realização da obra.

Bem; mas, não se realizando este sonho, parece-me que o frangalho de ponte que existe diante da praia da Glória, é antes um desadorno que um adorno. Útil não é, visto achar-se já com duas ou três soluções de continuidade. Nem útil, nem moral. É uma série de paus fincados, com outros convulsos. Na mesma praia da Glória, cá em cima, houve até há pouco¹⁰ uma relíquia de não sei que coisas russas (montanhas, creio), que ali estaria até agora tapando a vista e aborrecendo a alma, se um incêndio benéfico não acabasse com o que os donos abandonaram. Não peço fogo para a ponte; mas é por isso mesmo que esperava ansiosamente o dia de S. Bartolomeu.

Veio o dia... Primeiro veio a véspera, que me deu alguma esperança, como acima ficou dito; houve poeira, galhos de árvores arrancados, voaram alguns chapéus. O dia, porém, oh! triste dia de S. Bartolomeu, chuvoso e pacato, sem um soprozinho para consolação. O único fenômeno importante foi o desconcerto de um bonde elétrico, que obrigou muita gente a vir a pé da Glória até a rua do Ouvidor; mas quando me lembro que isto se pode dar em qualquer dia, deixo de atribuir o caso ao santo. Vão-se os

⁶ Aqui, na *Gazeta*, falta o hífen (“cerceava-se lhe”).

⁷ Ou seja, entre o ilhéu da Laje, na entrada da baía de Guanabara, até Mauá, no fundo da baía, onde começava a estrada de ferro que levava a Petrópolis.

⁸ A praça do Mercado ficava à beira-mar, ao lado da praça 15 de Novembro.

⁹ Tudo isto – o pagamento de dividendos com só 10% de entrada, o levantamento de empréstimos com base duvidosa etc. etc. – são alguns dos rasgos mais escandalosos do Encilhamento.

¹⁰ Aurélio põe aqui uma vírgula, que não há na *Gazeta*.

deuses. Morrem as doces crenças abençoadas. Ruínas morais, que são ao pé de vós as ruínas de um império?

